

'O mundo era maior e mais promissor na confusão criativa de Eric Hobsbawm'

NICOLAU SEVCENKO

Folha de S.Paulo, 3.10.2012.

Professor brasileiro lembra de quando dividiu uma sala com Hobsbawm em Londres

Expondo críticas ele me apossava como um grande mestre diante de um calouro num tabuleiro de xadrez.

Era um evento regular, perfeitamente previsível. Três horas da tarde, o som de passos pesados começava a ecoar nos andares inferiores.

Aos poucos, à medida que avançavam, o assoalho todo começava a tremer. Plóf..., plóf..., plóf..., o ruído aumentava, a trepidação crescente fazia a xícara de chá tremular no pires.

De repente, num estrondo, a porta escancarava e aparecia a figura ofegante do professor Eric Hobsbawm, morto anteontem aos 95 anos.

Cara vermelha, olhos injetados, à beira de uma apoplexia. Havia vencido heroicamente os três andares através de uma escada estreita e íngreme, ingressando afinal no seu escritório, sala 33 da Tavistock Square nº 35, sede do Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade de Londres.

A direção do IELA havia insistido várias vezes para que ele aceitasse se alojar nos andares inferiores. Nunca aceitou. A sala 33 era uma das maiores e nela ele dispunha sua miríade de livros, em estantes horizontais, pilhas verticais, arcos, pirâmides e labirintos. Sempre sabia encontrar o que precisava.

Vinha ao prédio de sapatos, mas trocava por um par de tênis especialmente reservado para a grande escalada. Chegando, levava alguns minutos para recuperar o fôlego, e logo se punha a trabalhar concentrado. Nunca se queixou do esforço.

Tive o raro privilégio de dividir aquela sala com o mestre entre fins da década de 80 e início de 90. Foram anos decisivos, o colapso dos regimes da Europa Oriental desafiava suas convicções e o melhor de suas energias intelectuais.

O telefone não parava: jornalistas, editores, intelectuais, ativistas, revolucionários, alunos, artistas, autoridades, gentes anônimas que liam seus artigos. Atendia a todos com a mesma atenção e paciência. Não tinha secretária.

Acabada a sessão telefônica, desconectava discretamente o aparelho e se dedicava a escolher dentre os livros recebidos aqueles que, como editor, distribuiria dentre os colaboradores da revista do partido para serem resenhados.

Depois, vinha o momento que eu mais ansiava: ele se punha a comentar os tais livros comigo, um mero pretexto para organizar mentalmente suas ideias, esboçando a edição da revista.

Gentilmente, me perguntava sobre o andamento das minhas pesquisas, fornecendo indicações preciosas, rebuscando dentre seu enorme acervo tudo o que considerava relevante para o desenvolvimento do trabalho. Não raro, me trazia livros de sua biblioteca pessoal.

Sua generosidade era espontânea e genuína.

Ele conhecia muito bem o objeto da minha pesquisa, a transformação cultural dramática de São Paulo nos anos 1920, tema do que seria o livro *Orfeu Extático na Metrópole*. Havia ali uma crítica explícita a um modelo de política de massas que dissentia abertamente de suas concepções políticas.

Expondo suas críticas e discordâncias, ele me apossava como um grande mestre diante de um calouro num tabuleiro de xadrez. Mas jamais me deu o xeque-mate. Seu respeito pelos interlocutores era do tamanho da sua generosidade.

Divergindo, ele me ajudou e fertilizou meu trabalho como se eu fora seu dileto discípulo. Não era só comigo.

Quem entrava naquela sala tinha acesso imediato ao melhor da sua privilegiada inteligência crítica, sua erudição infinita e a inspiração da sua sólida integridade intelectual.

Num mundo de moralidade dissolvente e corrosão sistemática do conhecimento erudito, a ausência de Eric Hobsbawm soa como um colapso.

O mundo era maior e mais promissor na confusão criativa da sala 33, Tavistock Square nº 35, do que será agora, para sempre fora dela.

NICOLAU SEVCENKO é professor titular de línguas e literaturas neo-latinas da Universidade Harvard e professor aposentado de história da cultura da Universidade de São Paulo